ISSN: 2358-8829

DIÁRIOS DE LEITURA MULTIMODAIS E REPRESENTATIVIDADE RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Letícia Pereira Ribeiro [1]

RESUMO

Este artigo discute o uso dos diários de leitura multimodais como possibilidades pedagógicas para promover a representatividade racial e a formação crítica desde a Educação Infantil. A partir das discussões sobre multiletramentos, cultura digital e formação leitora, busca-se refletir acerca de práticas educativas que reconheçam as crianças como sujeitos ativos na produção de sentidos, narrativas e identidades, principalmente em práticas de leitura. Em uma sociedade marcada por desigualdades raciais historicamente construídas, torna-se necessário pensar em experiências pedagógicas que favoreçam o reconhecimento, o pertencimento e a valorização da diversidade desde a infância. Nesse contexto, os diários de leitura multimodais podem contribuir para ampliar as formas de expressão das crianças, possibilitando registros por meio de desenhos, oralidade, imagens, dramatizações e outras linguagens presentes no universo infantil. Além disso, o estudo busca evidenciar a importância de práticas pedagógicas que dialoguem com as experiências culturais das crianças, fortalecendo processos de inclusão, escuta, participação e valorização das identidades étnico-raciais no ambiente escolar. A pesquisa possui abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e reflexivo, fundamentando-se em estudos sobre multiletramentos, cultura digital, educação antirracista e formação leitora, dialogando com autores como Roxane Rojo, Nilma Lino Gomes, Kabengele Munanga, Bell Hooks, Vygotsky e David Buckingham. Defende-se que práticas leitoras articuladas aos multiletramentos e à cultura digital podem favorecer experiências educativas mais inclusivas, críticas e comprometidas com uma educação antirracista na Educação Infantil.

Palavras-chave: multiletramentos, educação antirracista, diários de leitura, cultura digital, Educação Infantil.

1. INTRODUÇÃO

A Educação Infantil constitui uma etapa fundamental para a formação das crianças, uma vez que nesse período são construídas experiências, relações e significados que participam da constituição de suas identidades e de sua compreensão do mundo. Nesse contexto, a leitura assume um papel que ultrapassa o contato com os textos escritos, configurando-se como uma experiência de interação, imaginação, descoberta e produção de sentidos. Por meio das histórias, das imagens, das narrativas e das diferentes manifestações culturais, as crianças ampliam suas possibilidades de expressão e

[1] Mestranda do Curso de Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, ribeiroleh2@gmail.com;

ISSN: 2358-8829

estabelecem relações com suas próprias vivências e com a diversidade presente na sociedade.

Entretanto, pensar a formação leitora desde a infância também implica considerar quais histórias são apresentadas às crianças, quais sujeitos são representados nas narrativas e quais identidades encontram espaço de reconhecimento no ambiente escolar. Em uma sociedade atravessada por desigualdades raciais historicamente construídas, a ausência ou a representação estereotipada de personagens negros na literatura infantil pode contribuir para a reprodução de preconceitos e para o enfraquecimento de experiências de pertencimento. Nesse sentido, a educação antirracista precisa estar presente nas práticas pedagógicas desde os primeiros anos da escolarização, favorecendo o reconhecimento, a valorização e o respeito às diferenças étnico-raciais.

Essa discussão encontra respaldo na Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino, evidenciando a necessidade de práticas educativas comprometidas com o reconhecimento da contribuição da população negra para a formação da sociedade brasileira. Na Educação Infantil, esse compromisso pode se materializar na seleção de obras literárias com diversidade de personagens, na valorização das culturas afro-brasileiras e na criação de experiências que permitam às crianças reconhecer diferentes formas de existência, representação e pertencimento.

A representatividade racial na literatura infantil ultrapassa a simples presença de personagens negros nas narrativas. Envolve a valorização de suas histórias, culturas, características físicas, conhecimentos e experiências, contribuindo para a construção de imagens positivas e para o enfrentamento de preconceitos e estereótipos.

Nessa perspectiva, os diários de leitura multimodais apresentam-se como possibilidades pedagógicas para ampliar as experiências de leitura e expressão infantil. Diferentemente de uma compreensão restrita ao registro escrito, esses diários podem reunir desenhos, imagens, narrativas orais e outras linguagens por meio das quais as crianças expressam suas interpretações, sentimentos e percepções sobre as histórias. Sua articulação com os multiletramentos permite reconhecer a diversidade de linguagens e modos de produção de sentidos presentes na contemporaneidade, considerando as

ISSN: 2358-8829

crianças como participantes ativas dos processos de construção de conhecimentos e significados.

Além disso, a utilização dos diários de leitura pode favorecer espaços de escuta e participação, nos quais as experiências das crianças sejam consideradas na construção das práticas pedagógicas. Quando articulados à literatura infantil que valoriza a diversidade étnico-racial, esses registros podem abrir possibilidades para o diálogo sobre identidade, representatividade e pertencimento, contribuindo para que as crianças tenham contato com narrativas que reconheçam e valorizem diferentes sujeitos e culturas.

Diante dessas considerações, este trabalho tem como objetivo discutir as possibilidades pedagógicas dos diários de leitura multimodais na Educação Infantil, considerando suas contribuições para a representatividade racial e a formação crítica das crianças. Para tanto, desenvolve-se uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e reflexivo, fundamentada em estudos sobre multiletramentos, educação antirracista e formação leitora, em diálogo com as contribuições de Roxane Rojo, Nilma Lino Gomes, Kabengele Munanga, Bell Hooks, Lev Vigotski e David Buckingham.

Assim, a discussão busca contribuir para as reflexões sobre práticas pedagógicas que reconheçam a leitura como experiência de formação humana, valorização das identidades e construção de uma educação comprometida com a diversidade e a equidade racial desde a infância.

2. DIÁRIOS DE LEITURA MULTIMODAIS: ENTRE LEITURAS, LINGUAGENS, IDENTIDADES E REPRESENTATIVIDADE

2.1 DIÁRIOS DE LEITURA MULTIMODAIS E MULTILETRAMENTOS

Os diários de leitura podem ser compreendidos como espaços de registro e expressão das experiências que as crianças constroem durante o contato com as histórias. Mais do que escrever sobre um livro ou dizer se gostaram ou não de determinada narrativa, elas podem demonstrar o que sentiram, o que chamou sua atenção, quais personagens despertaram seu interesse e as relações que estabeleceram entre a história e suas próprias vivências. Na Educação Infantil, essa compreensão é especialmente importante, pois as crianças ainda estão em processo de apropriação da linguagem escrita e utilizam diferentes formas para comunicar o que pensam e sentem.

ISSN: 2358-8829

Nesse sentido, trabalhar com diários de leitura nessa etapa da educação exige olhar para além da escrita convencional. Um desenho feito após a leitura de uma história, uma pintura, uma colagem, uma conversa sobre determinado personagem ou até mesmo uma brincadeira inspirada na narrativa podem revelar como a criança compreendeu aquilo que ouviu. Essas manifestações, embora diferentes da escrita, também carregam significados e demonstram as maneiras pelas quais cada criança se relaciona com o texto literário.

Essa compreensão aproxima os diários de leitura da perspectiva dos multiletramentos, discutida por Roxane Rojo (2012). A autora destaca que a produção de sentidos na sociedade contemporânea envolve diferentes culturas e linguagens. Ao explicar esse conceito, Rojo (2012, p. 13) afirma que:

> O conceito de multiletramentos aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente as urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituições dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica.

Essa discussão permite compreender que as práticas de leitura não precisam ficar restritas às palavras escritas. Quando pensamos na Educação Infantil, essa ideia ganha ainda mais importância, pois as crianças interpretam e expressam suas experiências por meio de diferentes linguagens. Assim, o diário de leitura pode reunir desenhos, pinturas, colagens, fotografias, narrativas orais, dramatizações e outras produções que representem aquilo que as crianças compreenderam e sentiram durante a leitura.

Na prática, cada criança pode encontrar uma maneira própria de registrar sua experiência. Algumas podem escolher desenhar uma cena de que gostaram, outras podem preferir falar sobre um personagem, utilizar recortes de revistas ou representar a história por meio de brincadeiras. Também é possível realizar produções coletivas, nas quais as crianças compartilhem suas interpretações e construam registros em conjunto. O importante é que essas possibilidades não sejam tratadas apenas como atividades complementares, mas como formas legítimas de expressão e construção de sentidos.

As contribuições de Lev Semenovich Vigotski (1998) também ajudam a compreender a importância dessas experiências, principalmente quando se considera o papel das relações sociais no desenvolvimento infantil. Para o autor, a aprendizagem e a construção do conhecimento estão relacionadas às interações estabelecidas com outras pessoas e com o contexto cultural no qual a criança está inserida. Ao discutir esse processo, Vigotski (1998, p. 40) afirma que “o caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa”.

ISSN: 2358-8829

Essa afirmação permite refletir sobre a importância da mediação do professor nas experiências de leitura. A criança não constrói sua compreensão da história apenas a partir do contato individual com o livro, mas também por meio das conversas, das perguntas, das observações e das trocas realizadas com os colegas e com o adulto. Quando o professor escuta o que as crianças têm a dizer, valoriza seus comentários e incentiva que expliquem suas produções, contribui para ampliar as possibilidades de interpretação das narrativas.

Por isso, o diário de leitura não deve ser compreendido como uma atividade individual e obrigatória, na qual todas as crianças precisam produzir o mesmo tipo de registro. Pelo contrário, pode constituir um espaço de participação, diálogo e compartilhamento. Perguntar por que determinada criança escolheu desenhar um personagem ou o que mais chamou sua atenção na história são atitudes simples que podem favorecer a expressão de suas ideias. Dessa maneira, a mediação docente não se limita a orientar a realização de uma tarefa, mas envolve reconhecer e valorizar aquilo que as crianças produzem e comunicam.

Outro aspecto que merece atenção diz respeito à presença das mídias e das tecnologias nas experiências infantis. David Buckingham (2007), ao discutir a relação entre infância e cultura midiática, contribui para pensar sobre a participação das crianças em uma sociedade marcada por diferentes formas de comunicação. O autor chama a atenção para a necessidade de reconhecer as capacidades infantis de interpretar as representações presentes nas mídias. Nesse sentido, Buckingham (2007, p. 278) destaca:

> Precisamos entender a extensão – e as limitações – da competência que as crianças têm em participar do mundo adulto. Em relação às mídias, temos de reconhecer a habilidade que as crianças têm de avaliar as representações daquele mundo disponível para elas e identificar o que elas precisam aprender para fazê-lo de forma mais plena e produtiva.

Essa reflexão contribui para pensar que as crianças não são apenas receptoras das informações e imagens que circulam na sociedade. Elas também interpretam, atribuem significados e constroem compreensões a partir do contato com diferentes linguagens. No contexto dos diários de leitura, essa discussão permite considerar outras possibilidades de registro, como fotografias, gravações de narrativas orais e produções digitais, desde que esses recursos sejam adequados à faixa etária e utilizados com intencionalidade pedagógica.

Entretanto, é importante destacar que a proposta de diários multimodais não depende da utilização de equipamentos tecnológicos. A multimodalidade também pode

ISSN: 2358-8829

estar presente em práticas simples, realizadas com materiais acessíveis, como papel, lápis de cor, tintas, fotografias impressas, revistas e materiais para colagem. O uso de recursos digitais pode ampliar as possibilidades de registro e compartilhamento das produções, mas não deve ser entendido como uma condição para que essas experiências aconteçam.

Diante dessas considerações, compreendo que os diários de leitura multimodais representam uma possibilidade de aproximar a literatura das diferentes formas de expressão presentes na infância. Ao reconhecer que as crianças podem interpretar e comunicar suas experiências por meio de várias linguagens, essa proposta amplia o sentido das práticas de leitura na Educação Infantil. Mais do que verificar se compreenderam uma história ou reproduziram seu conteúdo, trata-se de criar oportunidades para que expressem o que pensaram, sentiram e construíram a partir do contato com a literatura. Dessa maneira, os diários podem contribuir para uma prática pedagógica que valorize a participação infantil, respeite os diferentes modos de expressão e reconheça cada criança como sujeito ativo na construção de sentidos.

2.2 EDUCAÇÃO INFANTIL, FORMAÇÃO LEITORA E REPRESENTATIVIDADE RACIAL: DIÁLOGOS COM OS DIÁRIOS DE LEITURA MULTIMODAIS

Pensar a formação leitora na Educação Infantil é compreender que o contato das crianças com a literatura começa muito antes de aprenderem a ler e escrever convencionalmente. Desde pequenas, elas constroem sentidos a partir das histórias que escutam, das imagens que observam, das perguntas que fazem e das relações que estabelecem entre as narrativas e suas próprias experiências. Ler, nessa etapa da vida, não significa apenas reconhecer letras ou palavras, mas imaginar, sentir, descobrir e interpretar o mundo. Essa compreensão se aproxima do pensamento de Paulo Freire, quando afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989, p. 11). Essa reflexão nos ajuda a perceber que as crianças já chegam à escola com conhecimentos, vivências e formas próprias de compreender a realidade. Por isso, suas falas, seus desenhos, seus gestos e suas interpretações precisam ser reconhecidos como manifestações importantes do processo de formação leitora.

Entretanto, promover experiências significativas com a literatura infantil não significa apenas disponibilizar livros às crianças. É necessário observar quais histórias estão sendo contadas, quem são os personagens que aparecem nelas e quais experiências

ISSN: 2358-8829

são valorizadas pelas narrativas. Afinal, os livros também ensinam maneiras de enxergar o mundo e de reconhecer as pessoas que fazem parte dele. Quando crianças negras encontram poucas personagens com as quais possam se identificar, ou quando essas personagens aparecem associadas a imagens negativas e estereotipadas, a literatura deixa de cumprir plenamente seu papel de acolher a diversidade humana. A representatividade, portanto, não está somente em incluir personagens negros nas histórias, mas em garantir que eles sejam apresentados com dignidade, protagonismo, beleza, inteligência e diversidade de experiências.

Essa discussão encontra respaldo nas reflexões de Nilma Lino Gomes (2003), especialmente quando a autora chama a atenção para a necessidade de a escola reconhecer as diferenças e as identidades que constituem os sujeitos. Ao discutir os processos de formação humana, Gomes (2003, p. 154) questiona uma educação que valoriza excessivamente os conteúdos escolares e deixa em segundo plano as dimensões humanas, destacando que os sujeitos são constituídos por "diferenças, identidades, emoções, representações, valores". Essa reflexão permite compreender que a diversidade étnico-racial não pode ser tratada como um assunto secundário ou restrito a determinadas datas do calendário escolar. Ela precisa fazer parte das experiências cotidianas, das escolhas pedagógicas e das relações construídas entre crianças e adultos.

Na mesma direção, as discussões reunidas por Kabengele Munanga (2005), na obra *Superando o racismo na escola*, evidenciam como o preconceito racial também se manifesta no ambiente educativo, inclusive por meio dos materiais utilizados e das relações estabelecidas entre os sujeitos. Ao abordar os efeitos dessas práticas, Munanga (2005, p. 16) alerta que "o conteúdo preconceituoso dos livros e materiais didáticos" e as relações marcadas pelo preconceito podem desestimular estudantes negros e prejudicar sua aprendizagem. Embora essa reflexão considere a realidade escolar de maneira mais ampla, ela também nos provoca a pensar sobre a Educação Infantil, pois as primeiras experiências com os livros e com as representações sociais participam da construção da identidade das crianças. Assim, oferecer narrativas que valorizem a população negra é uma forma de ampliar referências, fortalecer sentimentos de pertencimento e contribuir para que todas as crianças aprendam a respeitar as diferenças.

É importante destacar que uma educação comprometida com a equidade racial não deve acontecer somente em novembro ou em momentos específicos de discussão sobre a consciência negra. O compromisso antirracista precisa estar presente durante todo o ano,

ISSN: 2358-8829

nas histórias escolhidas, nas brincadeiras propostas, nas imagens expostas na sala, nos brinquedos disponíveis e, principalmente, na maneira como os professores acolhem e conduzem as relações entre as crianças. Nesse sentido, o pensamento de bell hooks (2013) contribui para compreender a educação como uma experiência capaz de questionar desigualdades e transformar relações. A autora defende a construção de práticas educativas comprometidas com a diversidade, a justiça e a liberdade, destacando que a transformação das instituições educacionais também exige mudanças nas formas de ensinar, aprender e conviver.

É nesse cenário que os diários de leitura multimodais se apresentam como uma possibilidade interessante para aproximar a literatura infantil da valorização das identidades étnico-raciais. Mais do que espaços destinados a registrar o conteúdo de uma história, esses diários podem se transformar em ambientes de expressão, criação e compartilhamento das experiências vividas durante a leitura. Por meio de desenhos, pinturas, colagens, fotografias, imagens, falas registradas e outras linguagens, as crianças encontram diferentes maneiras de demonstrar o que sentiram, compreenderam, imaginaram ou questionaram. Essa diversidade de possibilidades é especialmente importante na Educação Infantil, uma vez que nem todas as crianças expressam suas interpretações da mesma forma ou por meio da mesma linguagem.

Quando os diários são construídos a partir de obras que apresentam personagens negros em posições de protagonismo, valorizam a cultura afro-brasileira e reconhecem diferentes modos de viver e de existir, eles podem favorecer experiências de identificação e reconhecimento. Uma criança pode se reconhecer no cabelo de uma personagem, na cor de sua pele, em uma brincadeira, em uma manifestação cultural ou em uma situação vivenciada na narrativa. Outra pode descobrir realidades diferentes da sua e desenvolver novas formas de compreender e respeitar as pessoas. São experiências que, embora possam parecer simples, contribuem para ampliar o repertório cultural das crianças e construir relações mais respeitosas desde os primeiros anos de vida.

Além disso, os registros produzidos nos diários permitem ao professor conhecer melhor as interpretações infantis. Um desenho, uma fala espontânea ou uma escolha de imagem podem revelar aspectos da história que despertaram curiosidade, identificação, estranhamento ou questionamento. Nesse processo, o professor não deve se preocupar apenas em verificar se a criança compreendeu a narrativa, mas também em observar como ela se relaciona com os personagens e quais sentidos atribui às situações apresentadas. A

ISSN: 2358-8829

escuta atenta dessas manifestações possibilita organizar novas conversas, propor outras leituras e ampliar as experiências das crianças, respeitando seus tempos, suas ideias e suas diferentes formas de expressão.

Entretanto, é importante compreender que o caráter antirracista dessa proposta não está garantido simplesmente pela utilização dos diários multimodais. Seu potencial depende das escolhas e das intencionalidades que orientam o trabalho pedagógico. Não basta selecionar um livro que apresente personagens negros: é preciso observar como esses personagens são representados, quais papéis desempenham e se suas histórias rompem com imagens estereotipadas. Também é necessário que o professor esteja preparado para mediar conversas sobre diferenças raciais, acolher questionamentos e intervir diante de manifestações preconceituosas, sem constranger as crianças ou atribuir a elas a responsabilidade de explicar o racismo.

A literatura, nesse sentido, pode abrir caminhos para conversas importantes sobre identidade, pertencimento, respeito e diversidade. Ao ouvir uma história, observar suas ilustrações e compartilhar suas impressões, as crianças têm a oportunidade de construir conhecimentos sobre si mesmas e sobre os outros. Os diários de leitura multimodais ampliam essas possibilidades porque reconhecem que a aprendizagem também acontece por meio das imagens, dos movimentos, das experiências sensoriais e das diferentes linguagens que fazem parte da infância. Dessa forma, aproximam-se da perspectiva dos multiletramentos, que considera a diversidade de linguagens, modos de comunicação e contextos culturais presentes nas práticas sociais.

Portanto, aproximar a formação leitora dos diários de leitura multimodais e da educação antirracista significa reconhecer que a literatura infantil pode desempenhar um papel importante na construção de identidades e na valorização das diferenças. Quando as crianças têm acesso a histórias nas quais se sentem representadas e, ao mesmo tempo, conhecem outras culturas e experiências, ampliam suas possibilidades de compreender o mundo e de estabelecer relações mais respeitosas. Mais do que registrar as leituras realizadas, os diários podem dar visibilidade às vozes, aos sentimentos e às interpretações infantis. Trata-se, assim, de construir práticas pedagógicas nas quais todas as crianças tenham a oportunidade de se reconhecer, de serem ouvidas e de perceber que suas histórias, suas características e suas culturas também têm lugar na literatura e na escola.

ISSN: 2358-8829

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, foi possível refletir sobre a importância de construir experiências de leitura na Educação Infantil que ultrapassem o contato com as palavras escritas e reconheçam as diferentes formas pelas quais as crianças expressam seus pensamentos, sentimentos e compreensões sobre o mundo. Nesse percurso, os diários de leitura multimodais foram discutidos como possibilidades pedagógicas que valorizam as múltiplas linguagens da infância e ampliam os espaços de participação, escuta e expressão das crianças. Mais do que registrar uma história, esses diários podem revelar os sentidos que cada criança constrói a partir da leitura, considerando suas experiências, suas vivências e suas maneiras particulares de interpretar as narrativas.

As discussões realizadas também permitiram compreender que a formação leitora está diretamente relacionada às histórias que chegam até as crianças e às representações que elas encontram nos livros. Nesse sentido, a literatura infantil não é neutra, pois também participa da construção de valores, percepções e identidades. Quando uma criança negra encontra personagens que valorizam sua aparência, sua cultura, sua história e suas características, pode estabelecer relações de identificação e reconhecimento que fortalecem seu sentimento de pertencimento. Da mesma forma, quando as demais crianças têm contato com narrativas que apresentam a diversidade de maneira positiva, ampliam suas possibilidades de conhecer, respeitar e conviver com diferentes realidades.

Nessa perspectiva, compreendo que trabalhar a representatividade racial na Educação Infantil não significa apenas escolher livros que tenham personagens negros, mas estar atento à maneira como essas personagens são construídas e aos lugares que ocupam nas histórias. É importante que sejam apresentadas como protagonistas de suas próprias narrativas, com diferentes características, sentimentos, sonhos e experiências, sem ficarem limitadas a situações de sofrimento, preconceito ou discriminação. Essa escolha exige sensibilidade e compromisso por parte dos professores, pois as experiências vividas na infância também participam da maneira como as crianças passam a olhar para si mesmas e para as outras pessoas.

Outro aspecto importante diz respeito ao papel do professor na construção dessas experiências. A leitura ganha novos sentidos quando existe espaço para conversar, perguntar, ouvir e acolher aquilo que as crianças têm a dizer. Um desenho, uma fala espontânea ou a escolha de determinado personagem podem revelar sentimentos e

ISSN: 2358-8829

percepções que nem sempre aparecem de maneira imediata. Por isso, é fundamental que o professor valorize essas manifestações, sem estabelecer uma única forma de interpretar ou representar uma história. Também cabe a ele selecionar obras que respeitem a diversidade étnico-racial e intervir diante de situações de preconceito, contribuindo para que a escola seja um espaço de respeito, reconhecimento e valorização de todas as crianças.

A articulação entre os diários de leitura multimodais e os multiletramentos amplia ainda mais essas possibilidades, pois permite compreender que as crianças produzem sentidos por meio de diferentes linguagens, e não somente pela escrita. Desenhos, pinturas, colagens, imagens, dramatizações e narrativas orais podem cnstituir registros significativos das experiências de leitura. Assim, a proposta não depende necessariamente de recursos tecnológicos, mas de uma compreensão mais ampla sobre as formas de expressão e participação infantil. Quando utilizados com intencionalidade pedagógica, os recursos digitais também podem enriquecer essas experiências, aproximando as práticas educativas das diferentes formas de comunicação presentes na sociedade contemporânea.

É importante reconhecer, contudo, que os diários de leitura multimodais, por si só, não garantem uma educação antirracista. Sua contribuição depende das escolhas literárias, da mediação docente e, principalmente, do compromisso da escola com práticas que enfrentem o racismo e valorizem a diversidade no cotidiano. Não basta desenvolver uma atividade pontual ou abordar a temática apenas em datas comemorativas. É necessário que a representatividade esteja presente nos livros, nas imagens, nos brinquedos, nas brincadeiras e nas relações construídas diariamente no ambiente educativo.

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica e reflexiva, este estudo não teve a intenção de apresentar resultados de uma intervenção realizada com crianças, mas de discutir fundamentos e possibilidades que possam contribuir para o planejamento de práticas pedagógicas na Educação Infantil. As reflexões desenvolvidas apontam para a necessidade de ampliar as discussões e as experiências envolvendo literatura infantil, multiletramentos e educação antirracista, especialmente no que se refere à valorização das vozes e das produções das crianças.

Diante disso, considero que pensar os diários de leitura multimodais a partir da representatividade racial é também pensar que lugar a escola oferece às diferentes

infâncias. É reconhecer que cada criança precisa encontrar, nas histórias que escuta e nas imagens que observa, possibilidades de se reconhecer, de construir sua identidade e de compreender que sua história tem valor. Ao mesmo tempo, é proporcionar experiências que ensinem a respeitar as diferenças e a perceber a diversidade como parte da vida em sociedade.

Assim, mais do que uma proposta de registro das leituras, os diários de leitura multimodais podem se constituir como caminhos para uma Educação Infantil mais participativa, acolhedora e comprometida com a equidade racial. Investir em práticas leitoras que valorizem as diferentes identidades e linguagens é assumir que a formação das crianças também passa pelo direito de serem representadas, ouvidas e respeitadas. Afinal, uma educação verdadeiramente inclusiva começa quando todas as crianças encontram espaço para existir, expressar suas experiências e reconhecer que suas histórias também merecem ser contadas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira. Brasília, DF: Presidência da República, 2003.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino. São Paulo: Loyola, 2007

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1989.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ISSN: 2358-8829

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.